EXPEDIENTE.

—Tivemos a honra de receber, por intervenção do Sr. Conselheiro Macedo, o Programma da Academia Real das Sciencias, o qual publicamos hoje com muita satisfação.

— Agradecemos a carta, que em 8 do corrente, nos escreveu de Coimbra, o Sr Roque Fernandes Thomaz, lente da Universidade, bem como o seu artigo, que para nós é uma prova de que mais um distincto collaborador vem juntar-se aos que teem honrado as paginas deste jornal.

— Tambem agradecemos e serão successivamente publicados os seguintes artigos: —

Da necessidade de uma Eschola Geral de Engenheiros.

Cultura das Batatas.

O Emigrado (poesia).

Miscellanea Curiosa.

Publicações recebidas. — Os quatro primeiros numeros do *Escudo Christão*, e o n.° 7, que além de alguns artigos curiosos: contém a continuação de outros começados em o numero anterior. Logo que tenhamos lido os numeros publicados, escreveremos o que pensamos ácerca de um jornal, que desde já nos parece importantissimo.

Jornal dos Facultativos Militares n.° 49 1.° do 3.° volume.

Revista Contemporanea n.° 3, contém a Biographia do Sr. Duque da Terceira acompanhada do retrato de S. Ex.ª e um Romance — Os Sete Inimigos.

Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias n.° 2.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DA DIVISÃO ADMINISTRATIVA.

207 Entre as varias difficuldades, que temos encontrado na redacção deste jornal, avulta a obrigação de conciliar a variedade das materias, com a importancia dos muitos assumptos, que temos que estudar, em relação aos interesses economicos do paiz, para satisfazermos a uma das partes essenciaes do pensamento, que lhe deu origem.

Tem sido por esta rasão, que não temos amiudadas vezes enchido as columnas da Revista com os estudos, que mais presamos.

O ponto, que hoje, vamos tractar, obrigou-nos a expor certos principios fundamentaes de administração publica, que talvez pareçam elementares em demazia aos que não attendem, que este e outros artigos, que vamos escrevendo, estão sujeitos a um certo systema, que desejamos dar ás nossas idéas, para que fiquem registadas as intenções e os esforços de quem lhe peza não possuir outros dotes além desses, para os offerecer á patria. Valham se quer os desejos na falta do talento preciso, para resolver e analysar as questões do que menos se cuida em Portugal e que mais util nos póde ser. A divisão administrativa é incontestavelmente uma dellas: por esse motivo lhe vamos dedicar algumas linhas.

A administração como facto é antiga, como sciencia é moderna. Só foi considerada como tal desde que se constituiu em um elemento independente, ainda que derivado da lei. Por muito tempo a confundiram com a jurisprudencia, por que a execução das leis não se distinguia da maneira de as fazer executar. Ignorava-se o grande principio de que — administrar é a regra geral, e julgar a excepção.

Antes do seculo XVII, mal se conheciam as relações, que ha entre as divisões de um paiz e a sua existencia, como poder administrativo. Apenas havia idéas vagas ácerca das relações, que esta divisão poderia ter com o pensamento politico de qualquer épocha.

Não são precisas muitas indagações historicas para nos convencermos desta verdade.

Quando depois da invasão dos barbaros, se organisou o systema feudal, as divisões do territorio, com relação ás differentes jurisdições desses tempos, começaram a ser de alguma gravidade. Mas tudo que então se pensava a tal respeito, estava ainda longe de se aproximar de uma divisão administrativa, feita no interesse do estado.

A invasão dos barbaros, á similhança do punhal de Bruto, havia ferido os despotas e não o despotismo, cujos principios vigoraram de novo com prestigio, e se oppozeram ainda por bastante tempo á formação dos estados. Foi nestas circunstancias, que a civilisação do Oriente, como uma luz reflectida pelo grande vulto dos cruzados, indicou o caminho, que a civilisação devia seguir.

As descobertas de Colombo e Guttemberg, e a nova communicação aberta por Vasco da Gama, entre o antigo e novo mundo, foram factos, que apressaram a queda do feudalismo.

Os seculos XV e XVI foram os seculos dos grandes pensamentos e das grandes acções.

O systema social começou a formar-se nessas épochas, em que os individuos moraes chamados nações se organisavam regularmente.

A unidade monarchica, tendo vencido o clero e a nobreza, não quiz chegar mais o seu manto bordado aos andrajos do povo, que a tinha libertado do jugo de Roma e dos senhores feudaes. Mas era chegada a occasião de haver um verdadeiro cataclysmo; e depois de uma lucta violenta, entre o poder monarchico absoluto e o poder popular, fundou-se o systema, que estabeleceu a harmonia e a ordem, como bases da nova organisação politica.

Desde essa épocha celebre, a administração tem sido considerada como a sciencia das relações, que existem entre a sociedade e o individuo, e dos meios de conservar taes relações, pela acção da auctoridade publica, sôbre as pessoas e a propriedade em tudo quanto interessa a fortuna e a tranquilidade do estado.

Foi considerado como estado, o estabelecimento politico de uma nação; como governo, a auctoridade publica geral; e como administração, a auctoridade publica local. Por este modo, o povo forma o estado propriamente dito.

O governo e a administração são os principios da vida de um paiz, mas não são o corpo que animam.

O estado existia pela reunião de individuos; o governo e a administração foram as instituições sociaes, que organisaram os estados, e sôbre elles exercem uma acção civilisadora.

Os meios de exercer esta acção consistem principalmente nas divisões administrativas.

Hoje a divisão de qualquer reino, além de attender ás tendencias politicas da épocha, tambem deve attender a esses meios.

Póde dizer-se, que os principios, que regulam a divisão politica e a administrativa são communs.

Logo que estes principios foram aceitos por quasi toda a Europa, se apresentou o problema da centralisação, como fundamento da divisão administrativa.

Para Portugal o problema já tinha sido resolvido. Foi um facto anterior ás discussões, que houve sôbre tal assumpto.

A centralisação do poder sugeita a fórmas regulares, existia entre nós antes da administração ser conhecida, como um elemento distincto, e quando as differentes jurisdicções estavam sem limites e confundidas.

Os principios, em que assenta essa centralisação, estavam por certo consignados no codigo wisigothico, que constitue o centro da unidade social do começo da nossa monarchia, até que esta unidade principiou a desaparecer, por meio dos municipios, formados á sombra dos sceptros dos tres Affonsos e dos dois Sanchos.

Depois as Ordenações, Affonsinas, Filipinas e Manuelinas, desinvolvem de novo esse pensamento de unidade, que o seculo em que vivemos, transformou no que hoje se chama a centralisação administrativa.

A centralisação é a primeira questão que se appresenta a muitos dos auctores, que tratam da divisão administrativa: mas quanto a nós, a centralisação, é mais um dos fins a que deve attender esta divisão, do que um dos seus principios reguladores.

A administração, compondo-se da acção que a sociedade tem sobre o bem estar dos individuos, dos differentes meios que se appresentam para exercer esta acção, um dos mais importantes, é a graduação do poder conferido aos diversos agentes da administração. Mas esta graduação, que é realmente o que significa a centralisação, não depende de nenhum modo da divisão do reino.

Os diversos principios, que podem regular essa divisão, foram pela primeira vez reduzidas a um corpo de doutrinas por Mirabeau, nas sessões de 13 e 14 de novembro de 1789, as quaes foram destinadas pela assembléa nacional para a discussão deste importante assumpto.

A sciencia quanto á theoria pouco tem adiantado depois disso.

Pondo de parte a questão da centralisação, fica ainda por discutir a maior ou menor extenção das divisões administrativas. A tal respeito convém notar que estas não devem ser tão grandes, que possam concentrar demasiadamente a administração, nem tão pequenas, que a auctoridade dos ultimos agentes deixe de ser considerada pela sua pouca importancia.

A auctoridade administrativa deve ser respeitada, ao passo que se deve pelas subdivisões aproximar do homem, e das coisas, sem forçar a vontade e os costumes dos povos.

Para se alcançarem estes resultados, vejamos quaes são os principios em que póde assentar a divisão de um reino em relação ao poder administrativo.

A divisão mathematica com referencia a porções egnaes de territorio, deve ser regeitada, porque tal divisão entre outros inconvenientes, é contraria aos costumes dos povos.

Os habitos de duas villas visinhas serão muitas vezes tam oppostos, que será temeridade formar com estas duas porções de territorio uma unidade administrativa.

A divisão feita por esse modo seria monstruosa, porque a superficie de um paiz nunca se lhe poderia sugeitar, e em logar da liberdade que se pertenderia estabelecer só haveria uma revoltante desegualdade.

Todos os inconvenientes apontados desapparecem quando a divisão administrativa de um reino se faz por meio de um conhecimento perfeito dos interesses e recursos das localidades.

O principio da egualdade mathematica não se sustenta ante o principio da egualdade de importancia das differentes divisões. Neste principio as bases não são exclusivas, e a extenção das divisões não deixa de ser considerada, mas fica sugeita a outras circumstancias.

O valor real do solo, o desinvolvimento industrial, e a população constituem os principaes elementos do systema baseado no principio da egualdade das differentes divisões.

Convém observar que a população, apesar de quasi sempre ser uma medida exacta da riqueza, não póde tomar-se rigorosamente egual para as differentes divisões, porque a verdadeira egualdade politica resulta de muitos elementos que mutuamente se compensam.

Não sustentamos que a egualdade de importancia de todas as divisões administrativas de um reino seja egual quanto á população, mas não duvidamos affirmar, que admittido o principio da egualdade de importancia, a desegualdade da população será compensada pelas outras circumstancias.

Das considerações que ficam expostas se conclue — que a população tem de ser uma das mais importantes bases que regule a divisão administrativa, pois que a sua distribuição não depende do acaso, e suppõe augmento nas subsistencias, as quaes designam valores. A população é um elemento estatistico indispensavel para a boa divisão administrativa.

Na presença destas considerações é obvio que o principio, em que deve assentar a divisão administrativa de qualquer nação, é a egualdade de importancia das differentes divisões.

Esta importancia só póde ser determinada pela população, e pelos recursos agricolas e industriaes das diversas povoações. Um tal systema perfeitamente estabelecido por meio do estudo consciencioso, não só da distribuição da população, como da riqueza das localidades, deveria attender ás vantagens de não centralisar nem subdividir o poder da administração. Por este modo se poderia até facilitar o estabelecimento de um systema conforme para a imposição e cobrança das contribuições: e até a acção do poder judicial seria exercida com mais conveniencias para a justiça e para as partes.

A applicação rigorosa destes principios não se póde ainda fazer á divisão administrativa do nosso reino, porque nos falta não só a estatistica da população, mas tambem muitos dos mais indispensaveis meios de avaliar a importancia das differentes porções de territorio, que devem constituir essas divisões.

Uma exposição resumida da nossa legislação, n'estes ultimos tempos, sobre a divisão administrativa, será bastante para demonstrar, que apesar da falta d'esses elementos alguma coisa se tem pertendido fazer.

O decreto de 16 de maio de 1832 fundou uma nova divisão administrativa. — Revogou todas as antigas divisões, ainda que proviessem de quaesquer privilegios conferidos aos mais altos donatarios, e dividiu o reino em provincias, estas em comarcas, e as comarcas em concelhos.

As bases d'este decreto eram as mesmas da lei do anno oitavo da republica franceza, que estabeleceu as Prefeituras. Apesar dos seus inconvenientes devemos respeitar o pensamento d'esta lei, como um passo dado para organisação do paiz.

O decreto, a que nos referimos, considerava tres acções administrativas — A acção propriamente dita exercida na provincia pelo prefeito, na comarca pelo subprefeito, e no concelho pelo provedor. — A acção deliberativa era confiada a um corpo de eleição popular, junto de cada uma d'estas auctoridades. — A jurisdicção pertencia aos concelhos de prefeitura junto aos prefeitos.

Os inconvenientes das grandes divisões, creadas por este decreto, notaram-se logo; e além d'isso a excessiva preponderancia do poder executivo, e os conflictos de jurisdicção levaram as côrtes a reformalo pela lei de 25 de abril de 1835. A lei de 28 de julho do referido anno fixou a nova divisão administrativa.

O relatorio, que acompanha este decreto, é luminoso e merece ser lido pelos que se interessam no progresso da sciencia administrativa. Por esta lei, o reino foi dividido em dezesete districtos, pertencendo a cada um o seu governador civil, e acabou com o intermedio dos sub-prefeitos, e substituiu os provedores pelos administradores, sem que estes, como os seus antecessores, tomassem parte nas deliberações das camaras municipaes.

O administrador era nomeado por meio da eleição mixta.

O conselho de prefeitura foi substituido pelo concelho de districto, sem que a sua jurisdicção se confundisse com a do poder judicial.

O decreto, de que temos fallado, póde considerar se como uma das bazes do codigo administrativo actual. Foi por esse motivo que mais detidamente nos occupámos das suas disposições: o que não faremos ácerca de muitas portarias posteriores, pois que a sua analyse seria muito extensa, e póde dizer-se que foram resumidas no codigo administrativo de 31 de dezembro de 1836. Este codigo assim como o decreto de 25 de abril de 1835 dividiu tambem o reino em 17 districtos, e 351 concelhos.

O codigo de 1836 divide-se em 4 partes todas sujeitas ao pensamento da divisão administrativa que estabeleceu.

O codigo administrativo actual, de 18 de março de 1842, dividiu o reino e as ilhas adjacentes em 21 districtos, 17 no continente, e 4 nas ilhas. Os concelhos augmentaram mais 62 e ficaram sendo 413. Não alterou a divisão das freguezias, a qual é por certo a parte mais irregular da nossa divisão administrativa. Mas quando se pensa na falta dos elementos precisos não se póde deixar de reconhecer muito merecimento na confecção deste codigo.

Seria para desejar que em cada districto se creassem commissões estatisticas dirigidas por uma commissão central, as quaes trabalhando em virtude de um systema uniforme sujeito aos principios que ficam esboçados, fizessem conhecer o estado da nossa população completamente ignorado, e tambem os recursos agricolas e industriaes de cada districto. Sem estes trabalhos é impossivel estabelecer uma boa divisão administrativa. E todas as vezes que esta não fôr baseada na população e riqueza das differentes divisões, attendendo sempre á commodidade dos povos, a administração não poderá alcançar os grandes fins para que é destinada.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

PROGRAMMA.

CLASSE DE SCIENCIAS NATURAES.

Para o anno de 1849.

208 Organisar uma Flora de qualquer districto do continente do reino, ou das ilhas adjacentes, seguindo na classificação o methodo natural.

A descripção da molestia, que destruiu os laranjaes das ilhas do Fayal e Pico, e que se vae já propagando no continente do reino; suas causas, natureza e tractamento, que lhe convem, indicando os meios preventivos.

Qual é o methodo mais prompto e economico de preparar o *phormium tenax* de Linneu, ou linho da Nova Zelandia, para servir nos usos da marinha, e outros, apresentando amostras, que não pezem menos de uma arroba.

A analyse chimica das aguas do Gerez.

Para o anno de 1850.

Na chronologia das doenças do homem apresentará a historia da medicina factos de molestias, que tenham desapparecido do globo, ou de outras, que estejam hoje muito modificadas em relação a outros tempos? Quaes eram as primeiras, suas localidades, seus caracteres e mais circumstancias de sua existencia? Quaes são as segundas e sua comparação com as dos tempos anteriores?

A estatistica das leis e regulamentos relativos á policia sanitaria urbana de Lisboa, desde o principio do seculo passado até hoje, indicando seu objecto e data, com as devidas observações em relação ao estado actual dos nossos conhecimentos, e da pratica seguida em algumas nações cultas, e apontando os melhoramentos, que devem fazer-se neste ramo do serviço publico.

A estatistica dos expostos de Lisboa, desde o começo do presente seculo, designada por sexos, apontando as causas das mais frequentes exposições e os meios de obviar ao seu progresso; notando-se tambem a sua mortalidade, e as causas nella influentes, com as respectivas observações, que a sciencia ordena, e com os meios de a remediar.

CLASSE DE SCIENCIAS EXACTAS.

Para o anno de 1849.

Deduzir uma formula geral algebrica, da qual se-

ja caso particular a formula do binomio Newtoniano.

Achar o meio de conseguir, a bordo dos navios, uma estima mais exacta do que aquella que dão os instrumentos actuaes, e que ao mesmo tempo indique o abatimento do navio.

Mostrando a somma dos angulos, que formam o horizonte completo de uma estação, um certo erro total, pede-se o methodo de determinar o erro parcial de cada angulo.

Para o anno de 1850.

Pede-se o desinvolvimento e applicação do *principio de menor pressão* ao caso de um solido sustentado por quaesquer pontos, que se não achem todos no mesmo plano.

Achar o meio de obter o movimento circular *immediato*, empregando o vapor da agua, de maneira que a força resultante não seja inferior áquella que actualmente fornece este agente nas suas applicações.

Pede-se um meio qualquer, pelo qual se obtenham, correctos dos effeitos de refracção, os angulos observados entre dous objectos terrestres.

Achar a melhor fórma de camaras para morteiros e obuzes, tomando por fundamento a theoria de combustão da polvora, estribada em factos bem verificados; de maneira que resulte para o projectil a acção mais vantajosa á certeza do tiro, e á extensão do alcance; e para a boca de fogo, para o leito ou reparo, e para a plataforma a acção menos ruinosa, determinando as dimensões da camara da fórma preferida para uma das ditas bocas de fogo, na qual tudo o mais seja conhecido.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E BELLAS LETTRAS.

Para o anno de 1849.

Qual é o melhor methodo que deve seguir-se para a civilisação dos indigenas nas nossas possesões africanas, como elemento da cultura, industria, e commercio com a metropole.

Qual foi a condição civil dos povos da Hespanha no tempo em que os romanos a dominaram, comprehendendo o que diz respeito ao seu culto religioso.

Uma historia das incursões dos povos do Norte na Peninsula Iberica, depois da invasão dos sarracenos, comprovada não só pelo testemunho dos escriptores da Peninsula, comprehendendo os Arabes; mas tambem pelas memorias que destes acontecimentos existem nos auctores, que escreveram a historia daquelles povos.

Um paralello entre a poesia dramatica portugueza antiga e moderna, comparadas em todas as suas relações historicas, criticas, e moraes.

Para o anno de 1850.

Uma collecção das inscripções phenicias, punicas, e em lettras desconhecidas que se conservam ainda em Portugal, indicando os sitios onde se encontram, e descrevendo os edificios em que se acharem collocadas, e as ruinas proximas a que poderiam ter pertencido aquellas, que não estiverem em edificios, sendo para desejar que esta collecção venha acompanhada de observações philologicas sobre a lingua das inscripções.

Apontar quaes foram as construcções dos Arabes no territorio a que hoje chamamos Portugal; e qual foi a alteração que elles fizeram nos nomes dos rios, e terras, e a causa por que.

A continuação do glossario das palavras e frases da lingua franceza, que se tem introduzido na locução portugueza moderna, composto por D. Fr. Francisco de S. Luiz, que contenha a totalidade, ou pelo menos a maior parte, dos vocabulos, frases, e construcções grammaticaes de idiomas estranhos ao portuguez, principalmente do francez, que se encontram em muitas obras impressas: indicando os termos proprios que no idioma patrio lhe correspondem, e quaes são os vocabulos, que nelle devem ser admittidos, com as desinencias accommodadas ao genio da lingua.

Examinar se é exacta a opinião vulgar: que os romanos cultivaram mui pouco as sciencias, e, sendo assim, determinar as causas deste facto.

ASSUMPTOS EXTRAORDINARIOS.

Assumptos fixos, sem limitação de tempo.

A descripção economica e physica de alguma comarca, ou territorio consideravel do reino, ou provincias ultramarinas.

Fixar-se-ha a épocha, por meio d'annuncios feitos nos papeis publicos, logo que algum concorrente mostre deseja-lo assim, apresentando á academia, em carta fechada, e sem declaração do seu nome, algum pequeno trabalho que indique occupar-se deste assumpto.

Assumpto fixo sem limitação de tempo, e com premio dobrado.

Um plano de canal para aproveitar as aguas de algum rio de Portugal na irrigação dos campos, com as nivelações e calculos necessarios para verificar a sua exacção.

Assumpto, sem limitação de tempo, e com o premio extraordinario de 400$000 *rs.*

A Pathologia e Therapeutica das Dysenterias chronicas, comprovada pelo menos com vinte observações bem verificadas, que não deixem duvida alguma sobre a cura desta enfermidade, de que foi victima o nosso socio o Sr. Luiz de Sequeira Oliva, que deixou á academia um legado para se pagar este premio.

—

Os premios ordinarios consistem em uma medalha de oiro do peso de 50$000 rs.: e todas as pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos socios honorarios, e effectivos da academia. A baixo destes premios principaes, propõe a academia tambem a honra do *accessit*, que consiste em uma medalha de prata; e ainda a baixo desta a menção honorifica da memoria, que só disto se fizer digna; a qual menção será feita nas suas actas e historia.

As condições geraes para todos os assumptos propostos, são: que as memorias, que vierem a concurso, sejam escriptas em portuguez, sendo seus auctores naturaes destes reinos, e em latim, ou em qualquer das linguas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo estrangeiros: que sejam entregues na secretaria da academia por todo o mez de junho do anno,

em que houverem de ser julgadas: que os nomes dos auctores venham em carta fechada, a qual traga a mesma divisa, que a memoria, para se abrir sómente no caso em que a memoria seja premiada: e finalmente que as memorias premiadas não possam ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da academia; condição, que egualmente se estende a todas as memorias, que, não obtendo premio, merecerem comtudo a honra do *accessit*. Mas nem esta distincção, nem a adjudicação do premio, nem mesmo a publicação determinada, ou permittida pela academia, deverão jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta sociedade approva absolutamente tudo quanto se contiver nas memorias, a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como uma prova, de que no seu conceito desempenharam, se não inteiramente, ao menos a parte mais importante dos assumptos propostos.

Lisboa na Secretaria da Academia Real das Sciencias em 10 de dezembro de 1847.

Joaquim José da Costa de Macedo.

Secretario Perpetuo da Academia.

PORTES DE CORREIO.

209 Finalmente parece que vae acabar o grande obstaculo, que o excessivo porte dos jornaes estava causando á propagação dos principios civilisadores por meio da imprensa.

O Sr. D. José Lacerda propoz na camara dos srs. deputados um projecto de lei para abolir o porte de todos os jornaes.

O Sr. Lacerda já em 1840 havia proposto a reducção dos portes do correio, e por varias vezes renovou sem effeito a sua proposta. Honra lhe seja pela perseverança com que tem instado por uma resolução, que só ella bastaria para accreditar um parlamento.

Quando mais de espaço fallarmos sobre o projecto, faremos algumas considerações sobre a instante necessidade de uma reforma postal.

No entanto tributamos ao Sr. Lacerda os louvores que lhe são devidos por este mui honroso facto.

TRACTADO DAS VACCAS DE LEITE

Ou methodo para conhecer, desde a sua nascença, se uma vacca é ou não propria para a reproducção, e se dará leite em maior ou menor abundancia, por François Guénon, lavrador de Libourne (França.)

210 Este methodo, que se póde considerar como uma das descobertas mais uteis á humanidade, foi proclamado infallivel pelo ultimo congresso central de agricultura, e adoptado e ensinado por todas as escholas agricolas, e veterinarias.

Até agora destinavam-se, e entre nós ainda hoje se destinam para o matadoiro, muitas vitellas, que se chegassem á edade adulta seriam fecundas; e criam-se outras quasi estereis e improductivas, com grave prejuizo do lavrador.

Graças á descoberta de M. Guénon este erro torna-se impossivel. Este intelligente lavrador deduziu um systema completo de uma serie de observações por elle feitas, durante o espaço de perto de quarenta annos sobre um grande numero de vitellas e de vaccas; e repetidas experiencias verificadas por todas as sociedades e commissões agricolas de França, não deixam a menor duvida sobre a realidade do methodo preconizado.

Ainda não temos á mão o tractado de M. Guénon, e por isso não podemos desde já apresentar uma noticia circumstanciada da sua importantissima descoberta. Só diremos que nas fórmas variadas dos pinceis, que formam o pello á nascença da cauda, é que M. Guénon descobriu os indicios infalliveis das boas ou das mas qualidades da vitella.

Logo que recebermos esta obra, os leitores acharão na Revista uma analyse que os habilite a aproveitar uma descoberta que o governo francez julgou de tanta transcendencia, que resolveu pedir ás camaras uma recompensa nacional para o seu auctor.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO.

O artigo, que se vae lêr, é o primeiro com que o nosso amigo, o Sr. Souza Brandão, official do Estado Maior, que proximamente se habilitou em França com o curso de engenheiro civil, nos auxilia em um ramo especial dos muitos que este jornal deve tractar.

Regosijamo-nos, sempre que vemos assim recompensadas as diligencias, que incessantemente fazemos, para que as pessoas competentes nos differentes assumptos que interessam a prosperidade publica, se prestem a manifestar a sua opinião por meio da REVISTA.

O Sr. Souza Brandão, que foi para França, em virtude de circumstancias extraordinarias, aproveitou o tempo, estudando com muita distincção os differentes cursos que tractam das obras publicas. Um outro official do exercito, o Sr. Lobo de Avila, deve chegar ao reino em pouco tempo, vindo tambem habilitado com os mesmos estudos.

Estes dois officiaes juntamente com o Sr. Figueiredo, lente de mechanica, que se acha estudando em França, e o Sr. Francisco Margiochi egualmente habilitado com um curso de engenharia civil, poderiam ser aproveitados pelo governo, para ao menos se irem preparando os meios de nos regenerarmos com o auxilio de um dos mais poderosos recursos da verdadeira civilisação. Entre outras pessoas mais que o podiam auxiliar neste empenho, lembraremos o Sr. Rego, que poderia ser empregado na importante obra da canalisação dos nossos rios.

Seja qual fôr a utilidade que o governo tire do prestimo destes engenheiros, já o paiz não alcançou pouco em possuir este nucleo de conhecimentos especiaes, que entre nós se não estudaram nem ainda se estudam.

---

211 Ha dias que alguns dos nossos jornaes politicos tentaram fazer reviver a interessantissima questão das vias de communicação em Portugal; parecia

quererem dar um testemunho de affeição pelos verdadeiros interesses do paiz; mas este brado, de tempos a tempos levantado, não teve o alcance que lhe cumpria.

Esta questão, a mais vital e importante para a prosperidade publica, não convem abandonal-a. Os jornaes scientificos e instructivos, menos sujeitos ás influencias de circumstancia que os politicos, teem o dever de lançar mão della, e de não a desamparar sem que tenham colhido as grandes vantagens que d'ahi se esperam.

A necessidade das vias de communicação é reconhecida por todos; ninguem ousa duvidar da sua utilidade e dos seus effeitos; existe com tudo uma grande divergencia d'opinião sobre os meios que é mister pôr em execução para as obter de prompto com facilidade e economia.

O meio mais simples parecia ser o de recorrer-se ao estado para que, com rendas proprias ou por meio d'um emprestimo, fizesse as despezas exigidas para a sua construcção e costeio; mas o estado, falto de recursos, difficilmente se poderia encarregar de uma tal empreza, em que se necessitam capitaes consideraveis.

Convem pois procurar um empresario, que dê garantias pelos seus capitaes e pelo seu credito, e este empresario se encontrará, sem duvida, na industria particular ou na administração municipal. Eu me explico.

As obras de communicações internas, encaradas relativamente á fonte donde se podem derivar os capitaes para a sua construcção e costeio, dividem-se em duas grandes classes:

1.ª Ou ellas dão interesse a uma empresa particular, sem com isso prejudicar o publico, e entram, por esse facto, na classe de todas as empresas industriaes.

2.ª Ou, pelos beneficios que ellas prestam ás fortunas particulares e de localidade, pertence á povoação collectivamente ou á municipalidade que a representa a sua confecção, embora se não dê o caso d'um beneficio directo dos capitaes dispendidos.

As funcções dos diversos meios de communicação estão levadas hoje a tal apuro, que a applicação destes principios deve produzir os melhores resultados.

Na primeira classe destas obras se contam as vias ferreas, os canaes e rios navegaveis, e as principaes obras dos portos de mar que todas promettem benificios á associação que as emprehender.

Na segunda classe estão as estradas calçadas dos districtos e municipalidades, os caminhos visinhaes e ruraes, e as ruas das povoações; que prestando um grande auxilio, os habitantes de cada localidade serão impellidos por interesse proprio a construil-as e mantel-as.

É destes dois interesses, o dos individuos esperando um rendimento seguro e vantajoso dos seus capitaes, e o das localidades augmentando o valor das suas terras e da sua riqueza industrial, facilitando o transporte de todos os productos, que se deve obter a abertura de todas as especies de vias, proprias á transmutação da riqueza publica, ao desinvolvimento de todas as producções, e a satisfação de todas as necessidades sociaes, sem que o estado tenha de se occupar d'uma tarefa, em que os particulares, e o publico tem uma somma maior de interesses, e por consequencia um estimulo mais poderoso.

Não é permittido hoje duvidar que as vias de communicação sejam emprezas de lucro. Em todos os paizes, á excepção da Belgica e d'alguns paizes da Allemanha e dos Estados-Unidos, as vias ferreas foram confiadas á industria particular. Em Inglaterra não se fez uma unica por conta do estado; a França fez apenas aquellas de que a industria particular teve receio de menor lucro, e assim mesmo não foram completamente executadas pelo estado. De resto em quasi toda a Allemanha e Estados-Unidos julgou-se mais economico dar estas obras por empresa e assim o fizeram.

Não é isso extraordinario, quando se sabe positivamente, que, com duas ou tres excepções todos os carris-de-ferro construidos nos diversos paizes teem dado juros vantajosissimos, chegando em alguns acima de 20 por cento.

Pelo outro lado, os canaes, principalmente em Inglaterra, foram feitos por companhias; hoje, por fatalidade, as vias ferreas os teem despojado de quasi todas as suas vantagens. Por contraposição a navegação fluvial promette ás empresas particulares grandes vantagens, attendendo que nas margens alcantiladas da maior parte dos nosses rios, taes como o Douro, é impossivel estabelecer uma estrada ou via ferrea que lhe faça concorrencia.

O estado tem consumido grossas sommas para melhorar os portos de mar, e pouco ou nada tem conseguido. As dockas, estabelecimentss de tanta vantagem e segurança para o commercio, não existem ainda entre nós. Em Inglaterra pelo contrario são companhias concessionarias que fazem estas obras grandiosas, hoje tornadas uma especie d'estabelecimento de credito, que dão grandissimos interesses do capital empregado.

Uma outra especie d'empresas, que não entra nas vias de communicação, mas que tem feito a fortuna de muitas companhias, principalmente em Italia, são os canaes de rega que se podem associar á classe das empresas industriaes.

Quanto ás estradas calçadas, não ha uma só que dê juro soffrivel do capital empregado; e se por acaso alguma existe entre dois pontos que lhe forneçam a circulação sufficiente, póde-se estar seguro que entre elles uma via ferrea, posto que mais cara, deve dar receitas comparativamente muito maiores, e com maiores vantagens do publico, pela baratesa do transporte, e pela exactidão e economia do tempo.

Esta asserção parecerá um pouco atrevida, mas quando se attender que os carris-de-ferro fazem augmentar a circulação primitiva da estrada de 10, 15 e 20 vezes mais, facil será de ver que a via ferrea, posto que custe 4, 6, 8 ou 10 vezes o valor da via calçada, hade ficar mais barata. É o que se confirma nos caminhos belgas onde a circulação cresceu 15 e e 17 vezes mais; e no de Montpellier a Nismes, que sendo transitado antes por 30 passageiros diarios, o era depois da via ferrea por mais de 400.

As estradas calçadas, que constituem a segunda ordem de communicações, só poderão ser feitas com proveito e economia pelos districtos ou pelas municipalidades: a cotisação ou tributos dos povos é lançada e arrecadada mais facilmente, e como o seu emprego é conhecido de toda a gente, não haverá re-

pugnancia em os satisfazer; a contribuição deve infallivelmente ser empregada nas communicações sem que tenha desvio: — é desta sorte que se poderiam abrir ao mesmo tempo communicações por toda a parte.

A unica coisa que falta para isto se realisar são engenheiros. Removido este obstaculo, o que está nas mãos da administração central, póde-se esperar com confiança que o nosso systema de communicações de segunda ordem se completará em todo o paiz, sem se recorrer a estes meios energicos, com que o governo pertende de tempos a tempos dar estradas ao paiz sem conseguir mais do que experiencias que nunca vão ávante.

Que a administração central se não cegue com os seus projectos gigantescos: a sua missão é deixar fazer, e ajudar com os seus meios e a sua posição os esforços d'um paiz inteiro, que conhece demasiado a necessidade de tractar da fortuna nacional, e das vias, por onde ella deve correr.

Souza Brandão.

MODO DE FAZER COM QUE O VINHO NOVO PAREÇA VELHO.

212 Colloca-se o vinho novo em uma garrafa, que tenha tido vinho velho, tendo o cuidado de não a encher muito. Rolha se depois bem a garrafa, e mergulha-se até ao gargalo em agua elevada á temperatura de 75 gráus centigrados, e ahi se deixa estar por espaço de uma hora. Isto faz com que o sedimento do vinho velho se misture com o vinho novo. Depois passa-se o vinho para nova garrafa e guarda-se bem. Os negociantes de vinho na Italia empregam este meio nos seus vinhos, que os faz parecer velhos de dez ou doze annos. O aroma é tal que os melhores entendedores se enganam com elle.

Almanach de France.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

IX.

213 Parece que não tem fim estas largas noites de inverno! Tomára que já findassem!

A luz do dia é a unica esperança, que não mente ao preso.

Percebo que todos a desejam como eu.

No outro inverno cuidei, que o frio, que parece gelar os ossos nesta cisterna, a que chamam enxovia, é que obrigava todos esses desgraçados a verem com tristeza aproximar a noite. Mas tambem, no verão, lhe acontecia o mesmo. As horas marcadas para o descanço, na vida do homem livre, não se applicam do mesmo modo na vida do preso.

A ociosidade, em que o deixam viver, faz com que, fatigado pelo aborrecimento, adormeça a qualquer hora do dia.

É impossivel que não haja meios de dar trabalho a tantos infelizes, que aqui jazem, mal enroupados e quasi mortos de fome.

Só quem sabe um officio trabalha, e, ainda assim, é se quer.

Talvez os que governam ignorem estas coisas; mas, se as sabem, não teem desculpa.

A ociosidade e a confusão, em que os presos vivem, são as causas poderosas da perdição, que lavra por todas estas almas, muitas dellas já manchadas pelo crime!

Mal sabe o homem do campo, quando o mendigo vindo das cidades, lhes agradece na estrada o pedaço de pão, que com elle reparte, o que valem essas palavras tão usadas entre outras: « Deus vos livre dos ferros d'elrei! »

O que ellas significam sei eu agora bem.

Continúo a estar inquieto por causa de meu pae. Ainda não o vi desde hontem.

O dia já vai declinando.

Ha umas poucas de horas que estou com estas paginas diante de mim, e apenas escrevi meia duzia de linhas...

Alguns instantes, que meu pae se demore além da hora em que estou no costume de o vêr, já me inquietam como se fossem dias.

Que será de mim se hoje o não vejo?

Tenho agora mais este tormento, para me aterrar durante a vigilia, que me não deixa a maior parte das noites.

Chamo-lhe vigilia, pois que nem sei o que hei-de chamar a essa especie de sonho em que o passado se me afigura, tam ao vivo.

Cuido que estive sonhando, mas percebo que nem os olhos fecho em toda a noite.

Então as lagrimas, como sempre, são uma dadiva do céu.

Ao passo que se vae mitigando o ardor, que parece secar-me as palpebras, sinto desviar de cima do coração um peso que o aperta.

E não me deixam essas visões!

Ai que me sinto morrer de pesar.

Ainda a noute passada me aterraram com bastante horror!

Foram mais distinctas do que nunca.

Talvez a fraqueza em que eu estava, houvesse augmentado a obra da imaginação.

Vi meu pae tam pesaroso, que nem provei o caldo aguacento, que nos dão acompanhado, com o pão denegrido.

Assim que nos deitámos, e logo que se foi sumindo o sussuro, que durante o dia se ouve em toda a casa, comecei a entrever, como em as outras noites, uns pontos vermelhos, confundindo-

* Vem do n.º 10.

se com outros luzidios por entre as sombras, que a luz que mal nos alumia, não tinha forças para dissipar.

Por largo espaço estive pasmado, para os coriscos, que esses pontos formavam.

Não podia arredar a vista delles.

Era como um encantamento impossivel de quebrar.

Do mesmo modo, que n'outras noites senti erguer alguns dos presos, ouvi alguns que traduziam o desespero em um suspiro, e outros, que, batendo punhadas nas barras, o exprimiam por meio de pragas surdas.

Ouvia-os mas não os via, por que d'entre esses pontos indecisos havia surgido aquelle grupo triste, que me não sahe do pensamento.

¡ Pobre Pedro, para que havias tu morrer assim !

Ai ! não precisava vêr-te morrer tanto a miudo, para me lembrar do que te custou a deixar a vida. — Estavas esta noite como então, estendido sôbre a terra, com a mão sôbre a ferida, que parecia uma fonte de sangue, e a outra apoiando o corpo que a dôr te erguia, em um derradeiro esforço.

Eu nunca tinha visto a morte. Confesso que nada ha mais horrivel.

A vida fugia-lhe das faces, desapparecia-lhe dos olhos como já tenho visto correr as nuvens por sôbre a lua, quando o vento sopra com força.

De balde o chamava ! Os borbotões de sangue afrouxaram, e o braço vergou como a vide, que lhe sustinha a cabeça.

E o assassino de joelhos diante de mim a pedir-me. « Não me percas, não me percas. » Nada faltou para que esta noite o trance fosse completo. « Via a meus pés um homem cheio de vida, tomar-me o passo pela força do desespero e não me deixar amparar nos braços o infeliz, que luctava com a morte. Senti que me agarrava pelos joelhos.

Santo Deus como o egoismo é barbaro e covarde ! ¿ Ainda não posso crer como esse homem tinha animo, para implorar de mim, que o não perdesse na presença daquella agonia tam custosa.

Não me faltavam motivos para ceder, mas não pude resistir quando o moribundo já todo prostrado na terra, deixava vêr o peito nu, porque nas convulsões da morte rasgára os vestidos ! Ai ! Foi então que puz os olhos n' aquella cruz, lembrei-me que trazia outra egual sobre o peito, e quando o assassino me repetia enfurecido: « Jura que me não perdes... » estendi a mão para onde estava o meu infeliz irmão de leite e respondi... Juro... juro sobre aquella cruz qne ... e olha que só ella te podia livrar da forca !

E ha de livral-o.

Foi supremo esse momento.

Elle esqneceu-o, e largou-me. Ia para abraçar-me, e arredei-o de mim com indignação. Depois corri para Pedro e foi nesse instante que a espingarda se me disparou como um mau agouro.

Não sabia de mim, e nem reparei em que a tinha posto no chão: alguma das vides da vinha onde estavamos, embaraçando-se no gatilho, quando eu avancei para o ferido, causaram essa explosão que me foi fatal.

Até esse estrondo senti a noite passada, e foi com elle que se me dissiparam as visões, que me fiseram rebentar dos olhos mais uma torrente de lagrimas.

Como já é tarde. Só o escrever me mata o tempo ! já não vejo onde ponho a penna... Vão-se fechar as janellas...

E meu pae não veio... Mas parece-me que sinto lá fóra a sua voz... Sim ! é elle que me chama...

(*Continúa*)

VERSOS DA COMEDIA «QUEM PORFIA MATA CAÇA.»

814 Murcha a flor, que ao sol se esquiva,
No curvo tronco a pender;
E, sem saber que foi viva,
Sente-se em vida morrer.

N'alma um sol tambem fulgura
Como o que brilha no ceu;
Apagar fôra loucura
O que Deus mesmo accendeu.

O nome d'ess' astro ignoto
Lá o tens no coração:
Procura-o n'um ai, n'um voto,
Não o busques na razão !

Porque esfolhas tu, tam bella,
Dos bellos annos a flor ?
Se a razão te diz: cautella !
O coração diz-te: amor !

Mendes Leal.

O DR. CLAUDIO MANOEL DA COSTA.*

215 Eu não farei grande culpa a Claudio Manoel da Costa por haver perdido o seu tempo em escrever tantas Eclogas, por que em fim foi essa mania uma molestia endemica do Parnaso lusitano, de que, mesmo muitos dos

* Vem do n.º 10.

arcades, não poderam preservar se; mas não posso perdoar-lhe, que não tivesse o bom senso de evitar a outra mania de mascarar acontecimentos contemporaneos com allegorias pastoris. Nada me parece mais frio e mais ridiculo, que os reis e os generaes, as rainhas e damas da côrte de cajado na mão, e sahindo-lhes os vestidos de seda pelas abertura dos çurrrões! ou os acontecimentos da vida commum, coloridos com o estilo poetico. Parece-me que para agradar com a poesia campestre, é necessario, como Gesner e Guita, transportar a scena para as margens do Ladon ou do Erymanto; ou como Brintenbeauch e Schmidt para as epochas patriarchaes da Biblia, porque então as ideas poeticas harmonisavam com o paiz, os costumes e os sentimentos dos actores. Mas attribuir a linguagem e os costumes dos Tyrses e das Naphnes aos lavradores da Beira, e as tricanas de chapeirão e pé descalso; ou pintar com versos os costumes grosseiros, frazes toscas e modos agrestes dos vaqueiros do Alemtéjo, como fizeram os parciaes do estilo rustico, é prostituir n'este caso a linguagem das musas, e n'aquelle desfigurar a natureza e enfastiar os leitores com inverosimeis afecções.

Se Claudio Manoel da Costa queria á força compôr bucolicas, porque não collocou a scena das suas pastoraes nas florestas do mundo novo, á sombra dos cajueiros em flor, das arcadas de bananeiras, aos pés dos coqueiros, e dos mangues derrubados sobre as correntes dos rios? Alli o indio vestido de pennas entoaria a sua canção selvatica; o negro deploraria as saudades da sua patria, o cardeal, como uma chamma volante, divagaria nos ares, os bandos de araras e papagaios fugiriam gritando ao latido dos cães, e á celeuma dos caçadores! O guirandi e o sabiá trinariam tão docemente como o rouxinol e o pintacilgo! A giboia e a sacriú, a çururam e tamanduá succumbiriam bramindo aos golpes dos Castores e Polux do mundo novo. Mas estas idéas não podiam entrar no espirito de um poeta, creado entre as doutrinas classicas dos lyceos da Europa, e embuido nas reminiscencias da sua civilisação. Cumpre com tudo observar que nas eclogas de Claudio Manoel da Costa, e muito especialmente n'aquellas que não teem por objecto alegorias a natalicios de reis, festejos nupciaes de principes, e outros similhantes acontecimentos, se deparam excellentes trechos de poesia, posto que ás vezes o estilo se levante muito do que permitte a simplicidade d'aquelle genero de poesia.

O poeta em suas epistolas, todas compostas em estrophes rimadas, nunca se abalança a tractar os grandes assumptos de moral, de litteratura, ou de philosophia; amores, saudades da Europa, louvores dos seus amigos, são os assumptos privativos d'estes poemas escriptos com pureza de linguagem e de estilo, em boa versificação; mas tudo debaixo das eternas formulas pastoris, como se julgasse que um Homero não podia amar, cantar e ser poeta, sem ser ao mesmo tempo pastor.

O erudito e judicioso critico Sismondi, no segundo volume da sua *Litteratura do Meiodia da Europa*, diz, fallando de Claudio Manoel da Costa «que as suas elegias, que elle denomina com o titulo de *Epicedios*, são escriptas em versos *jambos não rimados* (versos hendicasylabos soltos), e que essa circumstancia lhe faz perder algum merecimento, como se as linguas meridionaes, apezar da sua riqueza, não podessem escusar a rima.» Admira que, homem tão douto, tão exacto e judicioso, se explicasse com tal inexactidão! Em primeiro logar, o poeta não tem elegia alguma em suas obras; em segundo logar, elegia e epicedio não são a mesma coisa; a elegia admitte todos os assumptos, e especialmente os amorosos, como se vê pelas de Catulo, Tibullo, Propercio e Ovidio, que são os modelos deste genero, cabem-lhe por isso todos os estilos; o epicedio não contêm mais que o pranto tributado ás cinzas de um morto, e á commemoração das suas virtudes e grandes acções: logo o titulo de que usou Claudio Manoel da Costa é proprio dos poemas d'este genero, que compoz, e estes epicedios não perdem nada por falta da rima, pois nem elles nem nenhumas das outras obras de Claudio, contidas n'este volume, são em verso solto. O que de algum modo prejudica estes poemas, é havel-os o auctor escripto em disticos pareados, que é a combinação rithmica mais desagradavel que se conhece na nossa lingua. Esta combinação agrada na poesia franceza, porque sendo os Alexandrinos mais longos que Hendicasylabos, vem na recitação a produzir o mesmo effeito que os nossos quartetos septenarios; segundo porque os disticos masculinos são alli constantemente alternados com os femininos, isto é, os agudos com os graves, o que lhes dá mais variedade; mas ouvir constantemente dois sons graves, retumbando em pequeno espaço, produz uma monotonia, que acaba por se tornar insoportavel.

Os epicedios de Claudio Manoel da Costa devem contar-se entre as suas melhores composições; o terceiro sobre tudo se faz notavel pela magestade e energia do seu exordio.

Co'migo fallas eu te escuto! eu vejo
Quanto a pezar do meu lethargo, e pejo,
Me intentas persuadir, oh sombra muda,
Que tudo ignora quem te não estuda!
Ha poucas horas que um activo alento
Te dirigia o ardente movimento,
E em breve instante, oh dôr! em breve instante
Se torna em lucto o resplendor brilhante,
Apenas falla, apenas me responde
O desengano, que esta penha esconde?

Este exordio *ex abrupto*, esta apostrophe á sombra do amigo morto, em que o poeta rompe, como involuntariamente, opprimido pela força da dôr, a saudade me parece mui conveniente e proprio do assumpto; não é menos bello o que immediatamente se segue.

Mas como em te encontrar minha ancia tarda,
Se é só este penhasco quem te guarda?
Elle a saudade tua recommenda,
Elle me escute pois, elle me attenda.
Marmore bruto, que em teu seio encobres
Triste despojo de reliquias pobres
Eu me chego a escutar-te!... ouvir-te venho!...
Talvez de tanta dôr no *heroico* empenho,
Ao credito maior esta alma aspira!...
Se enlaçado nas redes da mentira,
Amei tégora o meu profundo somno,
De tanto annuncio ao peregrino abono,
Eu quero despertar! volta a fallar-me,

Oh dura penha! eu quero aconselhar-me
Comtigo mesmo! .. Que lições prudentes
Hoje me estás dictando! oh que eloquente
Fallam as sombras, os terrores fallam,
Quando os alentos, quando as vozes callam!

No epicedio á morte do conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, que foi governador e capitão general do Rio de Janeiro e Minas, o poeta celebra dignamente as virtudes politicas, civis, militares e christãs do heroe;

Mas que muito, que ao lugubre gemido
Se altere, e cresça universal ruido,
Se perde Portugal, se o mundo perde,
Aquelle sempre firme, e sempre verde
Ramo da heroicidade transtagana!
Se em fim de toda a gloria lusitana
Um só heroe, que enchera o fasto inteiro
Hoje vem a jazer por derradeiro
D'este callado horror no abrigo triste!
Aqui todo o valor de Marte assiste;
Aqui jaz todo o alento da piedade;
Aqui o desempenho da lealdade,
O magnifico, o sabio, o recto, o activo,
Prudente, e valeroso! ah! que a tal brado
Confunde-se a razão, pasma o cuidado.
Amplificar a esplendida figura
De seus dotes quizera; abra a esculptura
Dos porticos á fama: os olhos entrem;
Registem as estampas; reconcentrem
A longa admiração; desde a corrente
Do cristalido Tejo, oh que valente
N'este quadro respira! aqui brandindo
A fulminante espada, vae tingindo
De sangue ibero as preciosas veias,
Roxas tornando as pallidas areias,
Une de Portugal ao sceptro egregio
Tantos novos tropheus; o privilegio
De seu braço immortal quanto se aclama
Quando em Campo Maior o cinge a rama,
Por triumphar co'as lusitanas quinas!
Tu soberbo castello entre as ruinas
De teus muros o choras; o teu susto
Lá lhe soube tecer o louro augusto
Com que apesar de tanto pranto, e maguas
Ennobreces do Guadiana as aguas.
Esse ferro que agora dependura,
Tinto de sangue, a fama, te assegura,
Afflicto Portugal, as leis, e o throno.
Da tua permanencia eterno abono
Davas aquella espada; ella se ensaia
Nos illustres avós; qual em Cambaia
O seu nome deixou; qual em Quiloa
Debuxa o seu brazão; lá vive em Goa
A memoria do sangue; honrado emblema.
São de tanta virtude em nobre lema.
Entre as chusmas dos bellicos alfanges
As ancias do Indo, as lagrimas do Ganges.

A este quadro das virtudes guerreiras do conde, juntou o poeta o do seu governo do Brazil, das suas tendencias religiosas, da sua boa administração, da justiça, e da sua beneficencia: admira porém, que entre as acções do seu heroe, não mencione a guerra do Uruguay, em que elle commandou em chefe o exercito luso-castelhano, e domou os indios sublevados.

J. M. da Costa e Silva.

(Continúa).

A VENTURA É A MORTE.

216 *(Traduzido do hispanhol).*

Poeta..... Infante! pela terna mãe guardado,
Em busca da ventura vou constante,
A ventura talvez ache a teu lado.

A mãe ..... Abraçado a meu peito chora o infante:
Ide mais avante!

Poeta..... Formosas! estou só em estranha terra,
Ventura dai a quem a busca instante
Pois tanta, o vosso amor, ventura encerra.

As formosas.. Desditoso d'aquelle que é amante:
Ide mais avante!

Poeta..... Poderosos! peço a vossa piedade!
Corro apoz da ventura, delirante,
Dai-me oiro, se oiro dá felicidade.

Os poderosos.. O ferro nos ameaça penetrante:
Ide mais avante!

Poeta..... Anciãos! atravez peleja dura
Procurado a ventura hei incessante,
¿Nem mesmo á beira está da sepultura?

Os anciãos... Da beira do sepulchro está distante!
Ide mais avante!!...

F. P. de Miranda.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

2 A 16 DE FEVEREIRO.

Estado do Banco de Portugal em 31 de janeiro findo.

217 Notas do Banco de Portugal em circulação.....	47:310$000
Depositos — Moeda metalica	136:609$109
Numerario metalico em caixa.....	308:749$620
Prata atém do dito numerario.....	13:355$200

Decreto de 9 de fevereiro de 1848 prorogando o prazo do sello das notas até ao dia 31 de março do corrente: e auctorisando o Governador Civil do Porto para mandar sellar até ao referido dia todas as notas, que apparecerem: e prohibindo a circulação das notas não selladas em Lisboa e seu termo.

Portaria de 15 de fevereiro de 1848 ordenando a plantação de arvoredos em todos os logares susceptiveis dos mesmos, e providenciando sobre a conservação da Matta do Bussaco.

SOCIEDADE THALIA.

REPRESENTAÇÃO DE 11 DE FEVEREIRO.

Com que imperio tam modesto
Sabeis mandar ás paixões!
Como o riso, e o pranto mesto
Desatais em borbotões,
Indo busca-lo n'um gesto
Ao fundo dos corações!

..... o mal affeito
Trovador que assim cantou,
Só pôde dentro do peito
Tecer — ah pobre que eu sou! —
Uma c'roa de respeito
Que neste cantar votou.

218 Estes lindos e delicados versos, com que um dos nossos mais mimosos poetas contemporaneos saudou, em 11 do corrente, as senhoras que representam no Theatro da Sociedade Thalia, não os pomos aqui para epigraphe, mas só para modelo da maneira como deviamos fallar dessa escolhida Sociedade, que com tanto ardor e gloria está concorrendo mui poderosamente para que a Arte Dramatica seja em Portugal o que deve ser.

A representação da noite de 11 causou-nos tão forte impressão por vermos comprehender uma arte difficil da maneira, que por desventura nossa, se não comprehende fóra daquella casa, que não podémos resistir á tentação de traduzirmos nestas linhas o que sentimos á vista de tanto prodigio.

Seremos obrigados a citar nomes, e por isso ainda mais carecemos de nos referirmos ao modelo que escolhemos para que ninguem possa, nem mui remotamente, considerar como critica, o que não o poderia ser sem que se faltasse a todas as conveniencias e indicações da consideração e do respeito, que deve inspirar uma Sociedade completamente arredada do dominio publico.

Em taes casos, um jornal louvando não critica, mas tributa ao genio e ao estudo o preito e homenagem, que se póde exprimir por meio das impressões mais intimas do coração confiadas á imprensa.

É o que vamos tentar com os fracos recursos da nossa intelligencia nos estreitos limites que nos estão marcando as columnas do nosso jornal.

A representação compunha-se de duas peças uma em francez, outra em portuguez.

A peça franceza era a *Lectrice*, *comédie-vaudeville en deux actes*, por Mr. Bayard.

Todos conhecem o enredo desta comedia, onde a victima da calumnia geme amargurada com o peso da maldição paterna, até que Deus a conduz para o lado de seu pae, que além de soffrer a tristura que lhe causa a falta da vista, se consome de saudades pela filha, que julga culpada.

Entre estas duas figuras inspiradas pelos mais santos affectos da alma, poz o auctor um estouvado a quem vida tumultuosa de mancebo e de militar, não corrompeu o coração; e um desses miseraveis, que se escravisam com a esperança de uma herança, e a quem o auctor começa a castigar na scena, apresentando-o involto no manto do ridiculo.

Uma tia do novo official completa este quadro, esboçado como uma triste scena da vida intima da alta sociedade.

A Exm.ª Sr.ª D. Emilia Krus, creou na parte da Leitora um papel, que nem o auctor poderia imaginar. Sentimos apertar-se-nos o coração ao vêr aquella mulher infeliz, que o mundo havia calumniado por causa da audacia de um mancebo, e que vira expirar seu marido, sem lhe ouvir o perdão de que não carecia o seu coração puro, mas que exigia a tranquilidade da consciencia.

Nem uma palavra, nem um gesto deixou de ser o que as diversas situações pediam. — Humilde e amargurada por um pesar profundo, quando a pobreza a conduz sem o saber a casa de Lady Gerald, o espanto misturado com o terror se lhe desenha nas feições quando, nessa mesma casa, encontra, como sobrinho de Lady Gerald, o homem que, pelo amor, a perdêra, e como hóspede o pae, por quem chorava na desventura.

Appresentada ao velho capitão como uma infeliz sem arrimo, que lhe poderia servir de leitora, o amor de filha, o desejo de se justificar são um novo sentimento, que só a voz de S. Ex.ª saberia harmonisar com o tremendo pensamento, que inspirou a Shakspeare a scena da maldição do rei Lear. Quanto mais se approximava a scena do reconhecimento mais parecia sublime a figura de S. Ex.ª

As lagrimas, com que outra qualquer pessoa houvera adornado esse dialago doloroso, concentrou-as S. Ex.ª no coração, e parecia fazel-as resvalar pelas phrazes, que, tremendo, lhe sahiam dos labios, e que, tremendo, vinham ferir os ouvidos dos espectadores. A maneira, como S. Ex.ª desempenha esta scena do 2.º acto, é um verdadeiro prodigio da arte. As lagrimas estavam em todos os olhos, menos nos da filha sem ventura, que, n'aquelle momento supremo, interrogava o futuro no menor gesto de seu pae.

Ficámos completamente maravilhados, quando vimos a filha justificada affrontar triumfante os ultimos aleives da calumnia, que já se despedaçavam aos pés da esposa do que involuntariamente havia causado a sua desgraça. Só quem roubou á arte os mais reconditos segredos é que poderá intender como S. Ex.ª transformou o pezar em alegria.

O Sr. Francisco de Sá, mancebo de vinte e tantos annos, desempenhou tão perfeitamente a parte de Cabridge, que realmente parecia velho e cego. Não se póde imaginar a propriedade, com que o Sr. Sá traduziu nas palavras, nos gestos, e até no andar a parte desse malfadado ancião, que, á beira da sepultura, sentiu despedaçar o coração suppondo o seu nome deshonrado, e chorando a solidão em que estava no mundo.

O Sr. Figueiras, na parte de sobrinho de Lady Gerald, foi admiravel, tanto nas scenas folgazãs de mancebo, como naquella ultima scena, em que a voz do amor e da honra lhe acorda o coração adormecido até ahi nos prazeres da vida.

O Sr. Guerreiro foi insigne na parte do sobrinho

de sir Cabridge, e ao ridiculo, que o auctor lançou sobre esse personagem soube junctar-lhe com summa graça todo o ridiculo que inspira o typo verdadeiro de John Bull.

A Exm.ª Sr D. Maria da Madre de Deus Azevedo Coutinho, e o Sr. Ernesto Biester souberam tirar partido das partes secundarias que escolheram.

O riso era preciso depois das lagrimas.

A comedia em dous actos — *Quem porfia mata caça* — é mais uma prova da facilidade com que o Sr. Mendes Leal sabe amoldar o seu portentoso talento a qualquer composição. Não se póde observar com mais exactidão os costumes nacionaes rivalisando ao mesmo tempo com o chiste, que a sociedade franceza ministra ao talento de Dumas.

O dialogo está mui bem trabalhado, e o enredo e a linguagem são de uma delicadeza tal, que honram ao nosso fecundo dramaturgo. O desempenho da peça foi tam perfeito como o da Leitora.

Quando se vê representar com tal perfeição, inveja-se o ser actor. A Exm.ª Sr.ª Condessa da Lapa, representando de uma educanda apenas sahida do convento fascinou pela maneira ingenua e nova como creou um papel dessa ordem. É impossivel exceder a naturalidade, que S. Ex.ª manifestou desde a primeira até á ultima scena. A Exm.ª Sr. D. Maria da Madre de Deos Coutinho desenvolveu no papel de D. Roza os immensos recursos da admiravel intelligencia com que sabe revelar todos os mysterios da scena.

O auctor formou uma antithese perfeita pondo ao lado da educanda receosa do mundo uma impertinente presumida que já conhecia todas as decepções da vida, e que ainda porfiava por se enredar nos laços do matrimonio. Um noivo encommendado juntamente com um dote tenta com engenhosos artificios captivar o coração da que lhe destinam. O Exm.º Sr. Conde de Mello foi feliz no desempenho deste papel. O Exm.º Sr. Conde de Farrobo no papel de pae da noiva foi insigne como sempre, e o Sr. Alexandre de Castilho representando o papel de um solteiro que vem auxiliar com os seus ardis o noivo encommendado, estudou attento o caracter que tinha a reproduzir; e quando escuta da porta o necrologio dos seus amores com D. Rosa, feito por ella mesmo, disse com tanta propriedade os *a partes* que se tornou inimitavel. O Sr. Antonio Maria Berquo no papel de aldeão representou com a maior propriedade.

Uma comedia tão delicada só se póde compor com prazer quando se tem a certeza de a vêr representar tam maravilhosamente; e quando a vai ouvir um auditorio em que estão reunidas as mais altas capacidades com o mais apurado gosto.

Para rematarmos o que o espaço nos permitte dizer ácerca desta representação, accrescentaremos, que, pela primeira vez, comprehendemos perfeitamente a necessidade do canto nos *vaudevilles*, pois que se aquellas rapidas harmonias não viessem lembrar-nos que estavamos assistindo a uma representação, julgariamos que realmente a composição de Mr. Bayard era uma scena real da vida, que se passava ante os nossos olhos: tal foi o esmero e o gosto com que os distinctos actores desempenharam os seus papeis.

PRAÇA DE LISBOA.

16 DE FEVEREIRO.

219 Desde a semana passada não houve alteração notavel no mercado dos papeis de credito.

PRAÇA DE LONDRES.

220 Temos noticias até 5 do corrente, mas a demora do paquete fez com que as recebessemos tão tarde, que apenas temos tempo para noticiar que os consolidados se tinham vendido de 88 $\frac{3}{4}$ a 89 $\frac{1}{2}$, e os fundos portuguezes 26 e 27 $\frac{1}{2}$ por cento.

THEATRO DE S. CARLOS.

221 O estado vergonhoso, a que chegou o theatro de S. Carlos, é já um assumpto que não póde deixar de reclamar séria attenção da imprensa.

A repetição do Atilla foi mais uma prova, entre muitas, de quanto é mister não só examinar a applicação do subsidio de vinte e quatro contos de réis; mas tambem acabar com o abuso que se está fazendo da benevolencia do publico, appresentando-lhe espectaculos, que, pelo modo como são postos em scena, bem como pelas partes que o desempenham, são unicamente imprudentes provocações para estrondosas e justificadas pateadas.

Que dirão os estrangeiros vendo como em Portugal se está entendendo o que é um theatro lyrico!

A falta de espaço e variedade das materias vedam-nos de hoje censurarmos mais detidamente as causas d'estes grandes abusos, mas não deixaremos de o fazer proximamente.

No entanto parece-nos, que as côrtes, além das condições tristes do paiz, devem tambem attender, que a concessão do subsidio não póde dar o resultado desejado, sem que haja fiscalisação na sua applicação, e grave responsabilidade da parte de quem se aproveita d'esse poderoso auxilio.

BAILE EM BENEFICIO DOS OFFICIAES INDIGENTES DA CONVENÇÃO DE EVORA MONTE.

222 Em a noite de 14 do corrente, realisou-se o pensamento caridoso de que demos noticia em um dos numeros anteriores.

O baile foi no palacio dos Marquezes de Abrantes. Concorreram para mais de 1:000 pessoas.

Felizmente a concorrencia não se podia classificar como pertencendo a um unico partido politico.

Honra seja feita á tolerancia e á grandiosa virtude da charidade, que só conhece a distinção que ha entre o rico e o pobre.

Reinou a melhor ordem, como era de esperar; e todos se retiraram satisfeitos, porque uma boa acção sempre alegra a vida.

RECTIFICAÇÃO.

Na pag. 114, col. 2.ª linha 42, em vez de *illustre*, lêa-se *honrado*.